



Everton Augustin

Ela é nossa

Éramos o pelotão de frente da escola construída com tábuas dispostas transversalmente. Nossos uniformes, impecavelmente brancos, indicavam data especial. Na manga direita lia-se GE bordado em azul. As meninas usavam laço azul marinho na gola; os meninos, gravata da mesma cor. As Conguinhas novas, que precisavam durar até o próximo ano, estavam reluzentes.

Alegria, peito estourando. Ao apito do professor de música, a banda se perfilava. O tarol dava a cadência inicial que movia a banda escolar inteira: surdos, bumbos, pratos e o profes-

sor no trompete. A turma dos bumbos aproveitava sua destreza para fazer malabares de suas baquetas. Nesse dia, o vilarejo era toda escola. Os pais, nos únicos trechos de calçada do distrito, em frente à subprefeitura, procuravam orgulhosos por seus filhotes em meio ao desfile sobre a estrada de terra.

Por nosso Grupo Escolar, éramos capazes de tudo. A nossa vida estava lá. Era lugar de encontros que ensinavam para sempre. Foi lá que aprendi a jogar bolinha de gude, handebol, futsal. Foi lá que vi os planetas suspensos no ar. Nossa sala era uma galáxia.

Professor e gestor escolar
everton.augustin@gmail.com

Tinha estrelas de todos os tipos. Algumas iam parar na Gazeta Escolar, um mural no corredor, que trazia os destaques do GE. Foi lá que mantínhamos uma horta que contribuía com a sopa servida um pouco antes do recreio.

Cada turma pensava o mesmo da sua sala, mas a nossa era a mais bonita, a mais brilhante. Lustrávamos o assoalho diariamente antes de fechar a porta cuidadosamente e irmos para casa.

O sentimento de que a escola era nossa seria, na linguagem de hoje, o maior ativo desejado por uma instituição.

Jornalista e escritora
magalischmitt@hotmail.com



Magali Schmitt

A zona franca dos sentimentos

No meu closet, tem um pufe. Oficialmente é um pufe, mas, na prática, ele exerce outra função. Na maior parte do tempo abriga as peças que não estão limpas o suficiente para voltar ao armário e nem sujas o bastante para lavar. A calça usada por algumas horas, o casaco que ainda aguenta mais uma e voltará à ativa amanhã. É uma espécie de zona franca onde flexibilizo as regras. Tenho certeza que quase todo mundo tem um território semelhante: uma cadeira, o canto do sofá, um cabide ou até a bicicleta ergométrica — que então encontra sua vocação.

A cadeira de roupas fala muito da casa contemporânea, com seu acúmulo de decisões provisórias, das coisas que não sabemos bem onde colocar. Projetos não abandonados, mas que nunca retomamos, relações ultrapassadas, objetos sem uso, planos adiados e até versões de nós mesmos. Seria bom ter um destino certo para todas as coisas o tempo todo. Mas a vida não é uma sequência organizada de caixas etiquetadas. E boa parte da existência acontece justamente nessa faixa estreita, onde ainda não temos resposta e talvez nem precise-

mos ter imediatamente.

Não entendo meu pufe como um monumento à indecisão. É, de fato, uma ode à espera. Sinto que às vezes preciso dessa antessala até descobrir o que fazer, qual a solução definitiva. Gosto da ideia de que possa existir um espaço reservado ao “ainda não sei”. Um lugar onde certas coisas descansam antes de voltarem a servir ou, quem sabe, seguirem novo destino. Com a maturidade, já não me preocupo em ter tudo resolvido. Prefiro aprender a conviver, por algum tempo, com o próprio pufe cheio.



Nestor Luiz Trein

A morte e a morte de Milton Dienstmann

Pois a vida prepara surpresas e coincidências incompreensíveis, razão do plágio do título de livro de Jorge Amado. No Dia dos Pais, como um tsunami, veio a notícia da morte do estancieiro Milton Dienstmann.

Ano retrasado, quando veio à tereirinha, com seu livro *Uma Vida de Cinema*, Ed. Escuna, do jornalista e escritor Paulo Palombo Pruss, acompanhei-o pela cidade que ele achava incrivelmente diferente, mas sua visita principal e com os olhos marejados, foi no local que formou sua vida, o Cine Rialto e juntos registramos a última foto

diante daquele monumento cultural, construído pelos seus pais Edda e Carlos Germano, em 1947.

Milton respirava cinema 24 horas. Aos oito anos manobrava equipamento movido a carvão, ainda em nossa centenária Canto União. Já adulto, na capital, montou uma empresa gigante de importação de equipamentos de som e luz voltados à sétima arte e adquiriu ou administrou cinemas em Porto Alegre, Viamão, Alvorada, Campo Bom, vários pelo interior do Estado e drive-in em Tramandaí, Atlântida e Torres. Em Gramado, foi precursor do

Festival de Cinema com ajuda de P. F. Gastal, levou máquinas e assentos ao Cine Embaixador, onde foi acionista, embora nunca lembrado como escreveu Paulo P. Pruss em jornais da capital, todos fizeram ouvidos moucos.

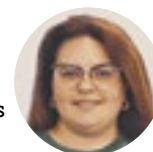
Mas a dupla morte, numa negação dolorida à cultura e história, quase na mesma data, foi o Cine Rialto virar escombros. Milton repousará para a eternidade no mausoléu da família.

Descanse em paz, amigo. Nossas lágrimas passarão, mas teu legado e as dores das chibatadas dos inimigos da história, não.

Professor
nestorluiztrein@gmail.com

Kely Boscato

Coord. do VerdeSinos e secr. Comitesinos
kelyboscato@yahoo.com.br



Meio ambiente e poluição

A história do Rio dos Sinos está fortemente ligada ao desenvolvimento industrial do Vale. Essa trajetória trouxe crescimento econômico e renda para a população, mas também impactos significativos sobre os recursos hídricos, exigindo esforços para o controle da poluição e no tratamento de efluentes industriais.

Um dos episódios mais marcantes ocorreu em outubro de 2006, quando cerca de 86 toneladas de peixes morreram no Rio dos Sinos. O desastre mobilizou órgãos ambientais, municípios, universidades e o Comitesinos, mostrando a vulnerabilidade do rio diante das cargas poluidoras sem tratamento prévio.

Desde então, a relação da região com suas águas passa por transformações. O Comitesinos, primeiro comitê de bacia do Brasil, atua desde 1988 na construção coletiva da gestão

dos recursos hídricos. Entre suas iniciativas, destaca-se o VerdeSinos. Criado em 2009, o projeto vem promovendo ações de recuperação de mata ciliar, educação ambiental, proteção de nascentes e áreas úmidas e produção de conhecimento. Atualmente, em sua quinta etapa, denominada Cidades-esponja, conta com a parceria do Programa Petrobras Socioambiental, e incorpora soluções voltadas à resiliência climática e ao manejo sustentável das águas.

Neste dia 14 de agosto, Dia de controle da poluição industrial, olhar para essa história é reconhecer que houve avanços, mas, também, que a vigilância deve ser permanente. E que desenvolvimento econômico, inovação e proteção ambiental precisam caminhar juntos para garantir água e vida na Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos.

Ane Kieling

Arquiteta, escritora e palestrante
ane@ceruttiengenharia.com



Futuro plantado hoje

Anos atrás, ao me debruçar sobre a identidade do nosso Vale do Sinos, percebi o quanto a arte e o associativismo caminham lado a lado por aqui. Uma cidade não é feita apenas de tijolos, calçadas ou engrenagens econômicas. Ela é moldada pelas sensibilidades que cultiva e pelas memórias que decide preservar.

Nossa história cultural traz no DNA a força do coletivo. De grupos que ergueram corais comunitários a movimentos que protegeram nosso patrimônio histórico, sempre fomos movidos por mãos que se somam. A restauração de prédios antigos, o fortalecimento da arte local e o surgimento de novos talentos não acontecem por acaso.

Hoje, no entanto, vivemos sob o ritmo frenético dos algoritmos, das telas e das respostas imediatas. A tecnologia avança a passos

largos, facilitando tarefas e otimizando processos, mas há algo que nenhum código é capaz de replicar: a alma humana. Quanto mais virtuais nos tornamos, mais precisaremos da presença física do teatro, do arripio de uma música ao vivo, do silêncio contemplativo diante de uma pintura e do aplauso de uma comunidade.

A cultura não é um adereço ou um luxo para os dias de folga; ela é o oxigênio da nossa convivência. Preservar o passado nos dá chão, mas é a criação do presente que nos dá asas. A grande questão é que os frutos de amanhã dependem diretamente do cuidado que dedicamos à terra hoje.

Se a cultura do futuro nasce dos gestos do presente, qual semente você vai escolher cultivar na nossa comunidade hoje para transformar o amanhã?

Eu, fotógrafo

Envie sua fotografia (preferencialmente horizontal) para vidareal@gruposinos.com.br



Uma linda imagem da exuberante natureza
Leila Beatriz Zottmann
Taquara

Os artigos publicados nesta página são opiniões pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores. Por razões de clareza ou espaço poderão ser publicados resumidamente, o tamanho é de até 1.600 caracteres com espaço. Artigos podem ser enviados para opiniao@gruposinos.com.br.

abc+
Mais artigos em
abcm.com.br/opiniao